

Projeto Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Ficha Técnica:

Entrevistada: Lygia Madeira César de Andrade

Entrevistadores: Laurinda Rosa Maciel, Maria Eugência Noviski Gallo, Mariana Santos Damasco, Márcio Campista, Nathacha Regazzini e Vívian Cunha.

Transcrição: Mariana Santos Damasco e Maria Lúcia dos Santos

Conferência de Fidelidade: 1ª Mariana Santos Damasco

2ª

Sumário: Angélica Estanek Lourenço e Monique de Jesus Assunção.

Revisão de sumário: Monique de Jesus Assunção

Duas entrevistas: 1º Entrevista: 21 de Agosto de 2001 (Fitas 1 e 2/Lado A)

2º Entrevista: 29 de Abril de 2003 (Fitas 2/Lado B e 3)

Local: Rio de Janeiro

Fitas gravadas: 3 fitas.

Sumário Lygia Madeira

Fita 1 - Lado A:

Recordações de sua família, infância em Copacabana e a carreira de seu pai como médico sanitarista; lembranças sobre os primeiros anos de estudos no Colégio Notre Dame de Sion, em Petrópolis, de 1925 a 1929; as circunstâncias de sua ida para a Suíça, em 1930 e lembranças desta viagem; o curso pré-médico para a Faculdade Nacional de Medicina, e da Universidade do Brasil, em 1937.

Fita 1 - Lado B:

O ingresso na Faculdade de Medicina em 1937 e lembranças de algumas colegas, como Clotilde Souto Maior, e de alguns professores, tais como Carlos Chagas Filho e Eduardo Rabelo; as aulas de Dermatologia e seus primeiros contatos com a lepra; a escolha pela Dermatologia diante de tantas opções para especialização; o estágio na função de técnica de laboratório, no Museu Nacional, no setor de Mineralogia, Geologia e Paleontologia; a

transferência para o hospital Artur Bernardes, atual Instituto Fernandes Figueira; as circunstâncias de sua ida para o Serviço Nacional de Lepra, em 1945; o trabalho na seção de Epidemiologia daquele Serviço e a convivência com profissionais como João Batista Rizzi e Rubem David Azulay; sobre o curso de leprologia do Departamento Nacional de Saúde, em 1947; a monografia de fim de curso, sobre a história do Hospital Frei Antônio.

Fita 2 - Lado A:

O trabalho no Serviço Nacional de Lepra, as pesquisas de transmissão experimental e o uso do óleo de chaulmoogra; o impacto de novas medicações como a Sulfona e a Dapsona; sua participação nas Comissões de Alta e a concessão de altas aos pacientes após apresentarem exames negativos e terem acompanhamento ambulatorial; comentários sobre a interdisciplinaridade nas especialidades médicas como Dermatologia, Leprologia e Sifilografia; a reação de sua família à sua entrada na Leprologia; a criação do Instituto de Leprologia (IL), em 1952 e a construção do prédio; as circunstâncias de sua ida para o Amapá, em 1956; sobre as dificuldades em conseguir material para pesquisas e as novas instalações do Instituto de Leprologia; sobre a incorporação do IL à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em 1970.

Fita 2 – Lado B:

Comentários sobre o interesse em trabalhar com a lepra, após as aulas de Dermatologia com o professor Eduardo Rabelo no terceiro ano da faculdade de medicina, em 1940; o trabalho no Hospital Artur Bernardes, atual Fernandes Figueira, depois de formada em 1942, e a classificação no concurso do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), como técnica de laboratório médico, em 1945; o convite do diretor de Manguinhos para ir trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz e a recusa devido à dificuldade de transporte; comentários sobre a vontade de trabalhar no Instituto a exemplo do seu pai, que falecera quando a depoente tinha oito anos de idade e a escolha em ir para o Serviço Nacional de Lepra (SNL), em 1945 e o funcionamento deste serviço; observações sobre a estrutura e a organização do Hospital Frei Antônio, antigo Hospital da Candelária, fundado em 1763; sobre a criação do Instituto de Leprologia (IL) no terreno pertencente a Irmandade da Candelária, na década de 1940 e seus responsáveis, respectivamente; comentários sobre os aspectos burocráticos do SNL e a biblioteca do IL; a transferência

deste Instituto para a Fundação Oswaldo Cruz; sobre o seu trabalho junto a Rubem David Azulay e René Garrido Neves; comentários sobre as dificuldades encontradas na realização de pesquisas no IL; referência à descoberta de novos medicamentos, como a Dapsona e a Rifampicina na pesquisa sobre a lepra.

Fita 3 - Lado A:

O momento de transferência do IL para a Fiocruz, o Ambulatório Souza Araújo e as reformas no Pavilhão Mourisco realizadas pelo Ministério da Saúde; seu trabalho na direção do IL durante este período de transferência e a explicação possível de profissionais do IL em recusar a transferência para a Fiocruz; lembranças dos congressos que participou e comentários sobre os Serviços de Lepra em diferentes países; as razões para não seguir a carreira de clínica médica em hanseníase; o papel da biópsia e do exame clínico para o diagnóstico em hanseníase e os avanços tecnológicos que auxiliaram este diagnóstico e o tratamento da doença; o tratamento com óleo de chaulmoogra e a pesquisa de transmissão experimental, realizada no IL.

Fita 3 - Lado B:

Comentários sobre os serviços de lepra em outros países; a mudança do nome da doença de lepra para hanseníase; o fim dos leprosários e a vida dos pacientes nos asilos convivendo com o medo do contágio e da discriminação; a melhoria na eficácia do tratamento e o tratamento usado na década de 1940, quando entrou para o Serviço Nacional de Lepra após a medicação química; o uso de outra planta brasileira em substituição ao chaulmoogra; lembranças da disposição dos prédios da Fiocruz.